

Escola, Comunicação e Construção do Conhecimento: o aluno em diálogo inteligente com a realidade

Eduardo Bastos Monteiro

Introdução

Toda proposta emancipatória precisa assumir uma forma metodológica para ser levada a termo. Este estudo investiga o processo da pesquisa científica com o processo eminente dialógico, tomada como princípio e atitude política na militância educacional. De maneira abreviada, pretende reunir elementos teóricos e práticos que fundamentem uma ação comunicativa no ambiente escolar enquanto processo privilegiado de construção de conhecimento e identidade.

Ao longo do seu desenvolvimento, será inicialmente estudada a conceituação de pesquisa a partir de um paradigma crítico, seguida da investigação sobre o espaço no ambiente educacional escolar. Por fim, será analisado o seu caráter educacional e algumas possíveis implicações quanto ao uso de mídias alternativas como recurso metodológico em projetos educacionais que assumam a pesquisa como princípio.

I - Situando o conceito de pesquisa.

"A verdade não é o que se demonstra. Se nesta terra, e não em outra, as laranjeiras lançam sólidas raízes e se carregam de frutos, esta terra é a verdade das laranjeiras. Se esta religião, esta cultura, esta escala de valores, esta forma de atividade, e não outras, favorecem no homem sua plenitude, libertam nele o grande senhor que se ignorava, esta escala de valores, esta cultura, esta forma de atividade são a verdade do homem." (Antoine de Saint-Exupéry - Terra dos Homens)

1. Uma ciência feita de valores.

Nossa realidade social realça o incômodo de que entre a universidade e as necessidades vitais das populações se estabeleceu um largo fosso. Um posicionamento político comprometido com a promoção da melhoria das condições da vida humana em sociedades tão desiguais como a nossa, exige a adoção de um paradigma de pesquisa cien-

tífica que de alguma forma encurte a distância entre o processo de conhecimento e as transformações que se fazem necessárias. Especialmente no campo da educação, toda alegação de neutralidade é digna de suspeita: frente aos grandes dilemas e desafios que se oferecem à nós, não se posicionar é claramente uma posição.

Pesquisar, fazer ciência, produzir conhecimento quase se tornaram prerrogativas de deuses. Ainda hoje são atividades envoltas numa certa aura mitológica. A pesquisa possui seus mitos, o olimpo da academia, seus deuses e rituais sagrados, onde a verdade assume o papel de dogma. Criar alternativas de concepções sobre um fazer ciência mais engajado com a realidade não tem sido tarefa fácil.

Para Carr (1990), ninguém estuda a Educação sem estar comprometido com certos valores e objetivos. Sempre há um valor educativo implícito na pesquisa, que nega qualquer alegação de neutralidade. Para as teorias neo-marxistas, os valores representam elementos integrantes das metodologias de pesquisa educativa. Segundo Carr, as razões para a aversão geral em reconhecer a natureza política da pesquisa educativa estão nas descrições predominantes na empresa educacional, de que esta pesquisa não influencia nem é influenciada por valores políticos, o que de forma alguma é sustentável. O saber deve relacionar-se com a prática política e as metodologias de pesquisa devem estar afinadas com os valores educativos objetivados.

2. Entre parênteses: o que é verdade

Antes de seguir a discussão é importante abrir uma espécie de parêntese visando situar melhor o que é pesquisa. É que há no propósito da ciência uma busca pela verdade. Delimitar um pouco o termo verdade pode ser, desta forma, bastante útil para nos posicionarmos quanto ao conceito de pesquisa ao qual queremos nos referir. Aqui podemos contrapor duas idéias sobre verdade: a verdade como um processo de conhecimento e como versão discursiva.

Primeiramente, podemos recorrer a um

texto de Zaia Brandão, *A Teoria como Hipótese*, em que é inicialmente questionada, no campo da educação, a "tradição de verdade que tende à excessiva objetivação e/ou cristalização dos resultados da investigação científica" (Brandão, 1992). Hoje o campo científico apresenta como característica a flexibilização do conceito de verdade, que resultou no conceito, cada vez mais ampliado, da verdade como o processo. Brandão coloca ainda que o saber científico exige cada vez mais um processo permanente de problematização e superação, no qual a verdade de hoje é a dúvida de amanhã - a verdade perdeu o seu caráter permanente.

Em segundo lugar, buscaremos um pouco mais da verdade sobre a verdade em Foucault (1986), para quem ela deve ser compreendida no âmbito dos sistemas de poder:

"(...) A historicidade que nos domina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem 'sentido', o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas.

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder (...). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se seleciona uns dos outros; as técnicas e os procedimentos que serão valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro." (Foucault, 1986, p.5 e p.12)

Demo (1990) também está atento à questão do resultado da pesquisa como verdade, mas compreendida como processo, como imutável e que não pode ser sacralizado.

■ INTERCÂMBIO

A formação da verdade tem um sentido prático, portanto, e se dá dentro do contexto conflitivo das relações sociais. Este parêntese pode ser fechado aqui, de forma a colocar uma luz de outra cor sobre a reflexão que se seguirá sobre o objetivo da pesquisa e o da educação, visto que se pretendem instrumentos de verdade.

3. *Saber e mudar*

Demo (1990) investe duramente contra ao tipo de pesquisa que se coloca isolada da vida sob o manto da neutralidade, limitada ao domínio de métodos estatísticos e à produção de um conhecimento alienado de um projeto político. Esta relação é transposta para o campo da educação básica através de uma escola que encara a pesquisa e a aquisição do saber de um ponto de vista puramente acumulativo - a pesquisa como ato de copiar. Para Demo, pesquisa é questionamento crítico e criativo em busca do conhecimento; é investigação voltada para a transformação e a emancipação. Como tal, é encarada como atitude política.

O paradigma crítico em pesquisa é aquele que busca, sobretudo, a produção de um conhecimento capaz de gerar mudança. Para Popkewitz (1988), as ciências críticas não têm por objetivo apenas descrever e interpretar a dinâmica da sociedade. Visam, sobretudo, considerar como os seus processos constitutivos podem ser modificados. O mundo social é concebido como algo em movimento, complexo e contraditório, no qual o ser humano possui papel ativo. Pesquisa tem por objetivo compreender para transformar.

A teoria das ciências críticas tira o pesquisador de um papel pretensamente neutro em relação ao seu objeto de pesquisa e o atira numa relação sujeito-sujeito, situada na realidade social. Dá origem, assim, à uma linha de pesquisa eminentemente voltada para a ação, engajada mesmo com projetos de atuação sobre realidade. Demo assume esta discussão de forma bastante radical:

“Mais fundamental que a aplicabilidade científica é a conjugação necessária entre teoria & prática, que aparece com força no reconhecimento de que fazer ciências sociais é prática histórica socialmente marcada. Não se estuda só para saber; estuda-se também para atuar. Como somos de qualquer maneira atores sociais - no ambiente político, abster-se também é atuar - a prática pode ser camuflada, escondida, mas jamais suprimida. É preferível, pois, assumi-la conscientemente.” (Demo, 1990, p.60)

Para Paulo Freire (1982), a pesquisa social é melhor feita através da ação, não

podendo desprezar a visão que os pesquisadores têm de sua própria realidade. É uma relação dialética entre objetividade e subjetividade. Em sua análise, Freire acrescenta que não é de interesse da classe dominante que o povo seja agente de seu próprio desenvolvimento e nesta perspectiva a pesquisa não tem porque envolver grupos populares. Freire defende a elaboração de projetos de pesquisa alternativos, engajados com projetos de educação.

O importante aqui é levarmos todas estas questões para o campo educacional e mais especificamente para o espaço político ocupado pela escola. A escola possui um potencial extremamente dinamizador da sociedade. Por isso mesmo, é mantida sob paralisia. A seguir, discutiremos mais a fundo o papel desta instituição enquanto capaz de um conhecimento voltado para a mudança.

II - O espaço da pesquisa na educação básica

1. *Escola não é feita para a criança.*

Demo (1990, p.77), ao considerar o espaço da pesquisa na educação básica, indica o ambiente da escola como um espaço privilegiado, onde deve emergir o desafio da ciência. Em sua opinião, em nome da pesquisa todo professor deve ser cientista.

No ambiente lúdico da criança é possível visualizar atitude de pesquisa e fomentá-la via processo educativo, como postura de questionamento criativo, desafio de inventar soluções próprias, descoberta e criação de relacionamentos alternativos, sobretudo motivação emancipatória a partir de um sujeito que se recusa ser tratado como objeto.” (Demo, 1990, p.78)

Esta oportunidade da criança começar a tornar-se agente histórico, ator social crescendo em consciência sobre a própria realidade, esbarra, entretanto, na estrutura de uma escola que aprisiona toda a criatividade. O professor é mero instrutor repetidor de “verdades”; a escola é o templo da cópia e da reprodução em série de indivíduos desapropriados de sua capacidade de produção simbólica e crítica e de qualquer originalidade. A burocracia escolar, a disciplina física e ideológica, as leis de ensino, o currículo escolar etc, fazem o esquema aula-prova-cola praticamente impossível de se romper. Pesquisa, em nossas escolas e para nossos (alunos) é frequentemente copiar trechos de enciclopédias, recortar e colar figuras, colocar numa capa e esperar a nota.

A escola onde o desejo não seja disciplinado, mas onde o sujeito possa tornar-se

senhor do próprio desejo, consciente e construtor de sua identidade individual e coletiva, ainda é uma escola de sonho, parte de um objetivo político ainda utópico. Sobretudo porque o aluno criativo, dinâmico e atirado ao mundo desmascara o professor e a própria escola em sua mediocridade e sua paralisia no tempo. O aluno criativo e crítico ameaça a escola; a criança precisa aprender desde cedo que não deve acreditar-se capaz e original, deve tornar-se exatamente aquilo que a escola e a sociedade esperam dela.

2. *Modelos de ciência e modelos educacionais*

A escola sempre teve por objetivo preparar os indivíduos para o destino que a sociedade os reservou. É importante percebermos ao longo da história da educação como os sistemas de pensamento de cada época originaram paradigmas científicos, que por sua vez estabelecem modelos de verdade e as formas de se chegar a ela, através dos modelos educacionais.

Carr (1990) analisa como teóricos como Marx, Dewey, Durkheim, Skinner e outros ofereceram diferentes concepções sobre a natureza humana e como eles deram origem a diferentes valores educativos. Diferentes concepções do homem produzem diferentes modelos de psicologia, o que irá formular modelos educacionais específicos. Por outro lado, diz Carr, as teorias da natureza humana constitutivas das ciências sociais usadas na pesquisa educativa, também operam para promover alguma concepção de valores educativos. Isto é assim porque uma teoria da natureza humana sempre expressa alguma concepção do que constitui as aspirações e as necessidades humanas legítimas.

Na visão de Carr, este processo identifica e define a eleição de valores educativos, operando pontos de vista sobre o que é pesquisa e atuando na eleição de suas metodologias em educação. A eleição de uma postura de pesquisa não é reflexo de uma preferência intelectual - envolve sempre compromissos políticos e educativos.

O paradigma crítico também está gerando suas propostas de modelos educacionais. E esta reflexão é oportuna diante do dilema quanto ao papel da escola hoje - que pode muito bem ser um papel de transformação. Se a escola pode assumir a tarefa de trabalhar para a emancipação do indivíduo e da sociedade, a pesquisa tomada como *princípio educativo* pode ser um instrumento eficaz neste processo. Ela pode ensinar a dialogar inteligentemente com a realidade e assim transformá-la.

III - Escola, comunicação e construção do conhecimento

1. O diálogo inteligente.

Para Demo (1990, p.36), pesquisa poderia ser definida como um "diálogo inteligente com a realidade". Em sua opinião somente pessoas emancipadas podem verdadeiramente dialogar, e este é um pressuposto básico da cidadania. O diálogo a que Demo se refere é a comunicação cotidiana natural, não solene. Diálogo não é expressão de consensos: é confrontar idéias, é expor-se a riscos e desafios em uma sociedade desigual. Sujeitos sociais estão envolvidos num processo comunicacional em que trocam idéias e disputam espaço político. Demo considera que a dialética comunicativa e o seu caráter impreciso impõem uma exigência hermenêutica, do contrário seria pura reprodução e não comunicação do fato.

A comunicação é um contexto fora do qual o ser humano não pode ser compreendido. Comunicação é a troca interativa, assim entendida como uma relação participativa, onde o principal elemento são as idéias que produzimos, nossas versões sobre a realidade e nossos desejos sobre ela. Nesse sentido, considerando que nossas mensagens contêm verdades, podemos melhor compreender nossa realidade social como uma disputa retórica. A dinâmica comunicativa que se estabelece no campo das relações sociais é expressão própria do conflito ideológico, onde os homens se agrupam segundo seus interesses e procuram demarcar seu espaço através de seu discurso e da sua prática.

Para Demo (1990, p. 39), pesquisa neste contexto é mais que descoberta; é método de comunicação inserido na realidade, que produz a troca de conhecimento e que socializa o saber. Somente quem pesquisa tem que comunicar criativamente e é capaz de abrir um espaço para a participação ativa na realidade. Na disputa de interesses é fundamental ser sujeito que sabe, que conhece, que se engaja na circularidade do discurso social, para não perder posições já conquistadas e ganhar outras.

Informação é sinônimo de poder. Portanto, dominar o processo comunicativo e adquirir meios e capacidade para o engajamento ativo em sua dinâmica discursiva e pré-condição indispensável para um projeto político apontado para a construção da cidadania.

2. A comunicação de massas batendo à porta da escola

Somos uma civilização tecnológica,

mergulhados num contexto de comunicação de massa. Mas também somos sensíveis, poéticos e sobretudo criativos. Nossa linguagem é a mídia: a TV, a rádio a imprensa, o telefone são o que torna possível tantas idéias e informações serem trocadas com tanta intensidade, num processo que envolve e afeta as vidas de bilhões de nós todos os dias.

Esta realidade virtualmente engole a escola. A qualidade da sua atuação nesta (não tão) nova realidade de comunicação e linguagem é por todos os aspectos questionável. A mídia, como se não bastasse seu próprio espaço, ocupa um espaço educativo (e político) que a escola cedeu em sua incompetência histórica. O desafio à escola hoje é habilitar aluno a se expressar como indivíduo e a conquistar sua autonomia dialógica e sua identidade, num contexto de comunicação de massa.

3. O ser simulado

Os meios de comunicação social são o principal campo da disputa retórica de nosso tempo. Configurou-se um jogo onde os personagens se definem, basicamente, como audiência/emissores/produtores - pelo menos enquanto não se apresentam, de forma mais consistente, as novas formas de interatividade através da mídia. É bastante claro que os meios de comunicação, de uma forma geral, concentram e requerem um denso volume de capital e, enquanto meios produção, estão restritos ao poder das minorias hegemônicas, sendo colocados portanto, prioritariamente a serviço de seus interesses e ideologias. Se há um caminho para a socialização do processo social da comunicação, este pode ser o da apropriação por parte do indivíduo - cidadão da capacidade dialógica neste contexto.

O discurso que chega às nossas casas através da mídia vem investido de versões simuladas da realidade, segundo o modo de pensar de suas fontes. Quantas não são as propostas que oferecem "levar o mundo até você" ou que "aqui você encontra a verdade como ela é", num processo curiosamente denominado *formação de opinião pública*. Através da artificialidade de um mundo de imagens, a realidade e a verdade de um povo pode ser construída, não de forma aleatória ou neutra, mas como resultante do jogo político e retórico. Imagens da realidade simulada, do imaginário simulado, do homem simulado - homem que tem a vida num vídeo, onde vive todas as aventuras, sabe de todas as notícias, ama todos os romances, mas, de fato, permanece alienado das experiências reais, essas sim, vitais para seu destino pessoal. Sem dúvida, queremos

encontrar algo de essencial importância íntima, capaz de nos proporcionar prazer e, se possível, alguma revelação concreta sobre nós mesmos (Kehl, 1990).

Em geral, os processos educacionais nas sociedades de consumo se caracterizam pela massificação reprodutiva de um tipo de ensino que desprivilegia a dotação do indivíduo da capacidade de produção simbólica, através de um sistema escolar onde as experiências vitais ou são evitadas ou grotescamente simuladas. Podemos afirmar que, neste processo, é a identidade do indivíduo e das comunicações que sai comprometida. Desta forma, o que os meios de comunicação vão apresentar vai se oferecer como vitrine, onde o indivíduo terá a oportunidade de tomar emprestada a sua identidade. Nesta tentativa de resgate, ele será o mocinho, o bandido, o amante, o guerreiro, o recordista!

4. A escola aprende com a mídia

Um grupo de alunos com uma idéia na cabeça e uma câmera na mão pode mudar a história da escola. É que nestas experiências que têm surgido aqui e ali, podemos ver numa única tomada, tudo o que discutíamos sobre o espaço da pesquisa na escola, transformado em realidade pura e muito simples. As tecnologias da comunicação estão em crescente processo de popularização, de forma que hoje, mesmo uma escola de poucos recursos pode ter acesso a elas. O vídeo, a máquina fotográfica, o gravador e pronto: o aluno assume por instantes o controle da realidade. A verdade filmada ou gravada será sempre recorte, interpretação, ponto de vista/opinião.

As técnicas da reportagem, do documentário, da ficção, entre outras, são sobretudo uma forma estimulante de se inserir o princípio da pesquisa científica na educação. Não podemos nos enganar neste ponto: criança não tem de construir conhecimento com posturas acadêmicas típicas de adultos; criança constrói conhecimento brincando e se divertindo.

Na escola, o trabalho de pesquisa baseada nas técnicas de mídias alternativas apresenta os seguintes objetivos subjacentes:

- a) Auxilia o aluno a compreender e lidar com a verdade como versão discursiva;
- b) Estimula a mobilização grupal e o conhecimento da realidade social *in loco*;
- c) Integra um processo de construção da auto-imagem aliado à formação da consciência crítico-social e da identidade cultural dos grupos/comunidades envolvidos;
- d) Retorna criticamente à comunidade, uma vez que desinstala as pessoas que

■ INTERCÂMBIO

participam do processo: faz a comunidade pensar e lhe fornece uma imagem de si própria.

e) Discute questões de uma forma participativa;

f) Possibilita o processo de alfabetização na linguagem da mídia, uma vez que, através de uma atividade criativa, os alunos estarão adquirindo um conhecimento técnico e consequentemente ampliando seus canais de percepção da realidade e de expressão simbólica.

Para Francisco Gutierrez (1978, p/95), "a finalidade desta metodologia não é a de ensinar semiótica, arte, manipulação de câmara, nem sequer a crítica cinematográfica: é, antes de mais nada, o desenvolvimento do processo criador do indivíduo."

O jornalzinho escolar, a reportagem-documentário com a câmara de vídeo, o mural, o rádio para tocar no recreio, a foto-novela, o teatro de bonecos e mais uma infinidade de coisas são capazes de tornar a escola um lugar muito menos chato, e capaz de fazer as crianças e adolescentes irem com prazer. Os recursos materiais necessários para minimamente realizar projetos desta natureza são possivelmente irrisórios se comparados com o desperdício de recursos que uma escola burocrática pratica normalmente. O problema maior, do ponto de vista metodológico, já é mesmo apontado por Demo ao propor a pesquisa como princípio educativo: a formação e profissionalização do professor. "Se em condições normais, o professor tem dificuldade de se ver como cientista, quanto mais não terá em se ver como comunicador. Ademais, a experiência tem demonstrado que existem barreiras a serem superadas pelos adultos atualmente para lidarem com novas tecnologias".

5. Educadores e comunicadores

A escola está hoje diante do dilema histórico de recuperar um atraso de décadas com relação ao mundo do qual se manteve afastada por tanto tempo. Em parte, isto ocorreu devido à pesquisa universitária em educação também ter se mantido afastada dos reais e urgentes problemas educacionais que há décadas permanecem insolúveis. Assumir um paradigma de pesquisa que ofereça respostas às difíceis questões que a sociedade e a educação nos oferecem hoje não será um fenômeno surgido do nada, mas uma atitude provocada por posturas políticas corajosas e valores educativos bem definidos.

A ciência da comunicação tem muito a oferecer à educação que pretender assumir a pesquisa como princípio educativo, mas para isso talvez seja necessário por abaixo as barreiras que ainda mantém tão distantes os profissionais das duas áreas. Mais que isso, é

necessário que a educação se compreenda como um campo dialógico e que a comunicação descubra como lidar de forma emancipadora com o potencial educativo do diálogo.

1. Diversas iniciativas deste tipo estão sendo experimentadas em escolas. Particularmente posso oferecer como exemplo o trabalho que realizo com meus alunos através de reportagens. Ao entrevistarem os funcionários e professores de sua escola sobre diversos temas, mobilizam de tal forma a comunidade escolar e adjacências que, definitivamente, após o trabalho, ninguém é mais o mesmo. Quem foi entrevistado, normalmente se viu obrigado a opinar e se posicionar sobre um tema que de outra forma não o fizesse; quem entrevistou se viu obrigado a refletir criticamente sobre um conjunto conflitante de opiniões e também se posicionar criticamente; todos, ao longo do processo, se viram envolvidos numa tal discussão sobre tema pertinente às suas vidas que inevitavelmente avançaram com relação a ele. Não conheço outra forma de provocar tamanho dinamismo e participação numa comunidade.

2. Sobre as características da postura cognitiva do adulto frente às novas tecnologias, é importante a leitura do artigo de VALENTE, Ann B. *Como o computador é*

dominado pelo adulto. Cad. de Pesquisas, S. Paulo (65): 30-37, Maio, 1988.

Eduardo Bastos Monteiro

• SME/RJ e Colégio Sr^a Inácio/RJ

Bibliografia

- BRANDÃO, C. Rodrigues (org). Pesquisa Participante. 2a. ed., S. Paulo: Brasiliense, 1982.
- BRANDÃO, Zaia. A Teoria Como Hipótese. Mestrado em Educação - PUCRJ, 1992.
- CARR, Wilfred. Hacia una Ciencia Critica de La Educacion. Barcelona: Laertes, 1990.
- DEMO, Pedro. Pesquisa - Princípio Científico e Educativo, S. Paulo: Cortez, 1990.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Org. e Trad. de Roberto Machado. 7a. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GUTIERREZ, Francisco. Linguagem Total: Uma pedagogia dos meios de comunicação, 3a. ed., S. Paulo: Sumus, 1978.
- KEHL, Maria Rita. O DESEJO - O Desejo da Realidade, 2a ed., São Paulo: Schwarch, 1990, pp.363-372.
- POPKEWITZ, Thomas S. Paradigma e Ideologia en Investigación Educativa. Madrid: Mondadori, 1988.
- SANTOS, Jair F. dos. O Que é Pós-Moderno. 4a. ed., S. Paulo: Brasiliense, 1987.

